



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11043 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 -Didática, Currículo e Tecnologias Digitais

UM OLHAR PELAS FRESTAS: AS CRIANÇAS DE TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO EM PORTO VELHO – RONDÔNIA NA PÓS-PANDEMIA

Marcia Machado de Lima - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERÓ

UM OLHAR PELAS FRESTAS: AS CRIANÇAS DE TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO EM PORTO VELHO – RONDÔNIA NA PÓS-PANDEMIA

RESUMO EXPANDIDO

Pesquisas anteriores ao período pandêmico dedicadas à alfabetização inicial na Região Norte expõem e demonstram que, em termos regionais, a área é assolada por certa generalização que percorre o país quanto aos problemas relacionados ao baixo desempenho das crianças e, principalmente, das professoras/es. Precisamos olhar, porém, para marcadores culturais que envolvem esses processos que em pesquisas com olhares e metodologias que permitam ver tempoespaços de práticas locais, tem a chance de apontar problemas mais qualificados para o debate sobre alfabetização, aliando a interface currículo. As conclusões de Alves, Alves e Scaramuzza(2020) sobre as dificuldades apresentadas por crianças de 7 e 8 anos em turmas de alfabetização inicial no município de Humaitá-AM detectou uma reiteração: “A preocupação em dizer ‘eu não sei escrever professora!’”. Para as autoras, a reiteração, mesmo em situações altamente contextualizadas no universo infantil e nos saberes cotidianos amazônicos, portanto repertório de palavramundo das crianças, utilizadas nas oficinas da pesquisa-intervenção que desenvolveram, indicam que, se por um lado, as crianças identificavam e qualificavam a leitura e a escrita ortográfico-alfabética e seus usos sociais como objetos da cultura escolar, não reconheciam os assuntos abordados como saberes valorizados, mas se reconheciam distanciadas do lugar de quem é capaz de utilizar a escrita. Outro resultado trazido pelas autoras foi a identificação de que a centralização do material de leitura e material didático em livros didáticos e cartilhas em contextos e intertextos geoculturalmente referenciados em outras regiões, produziu o uso da leitura e da escrita em

situações muito limitadoras, e por outro lado, hierarquizantes da percepção da função social de práticas de leitura e escrita.

Articula-se às conclusões de Idaleia Dias da Silva (2017), na pesquisa que desenvolveu em escola pública no município de Maracanã – PA quando aponta para a necessidade de dar espaço nos processos de alfabetização em língua materna na escola básica ao marcador culturais locais. “A escola pesquisada precisa aumentar seu vínculo com a comunidade para trocar informações e influências que possam estabelecer ao longo do tempo uma comunidade de leitores e escritores como componente cultural.” (SILVA, 2017, p.39). Reafirma, por outro lado, o que se vem produzindo nas pesquisas sobre/na alfabetização na Região Norte (NEVES; GAVIÃO; SAMPAIO, 2021; HAGE, 2021) quando, em alguns momentos, percebe que as práticas pedagógicas das turmas de alfabetização levantadas e analisadas ganharam maior efetividade ao respeitar aspectos próprios das culturas locais. Silva (2017) defende ao final da pesquisa que os processos de alfabetização precisam abarcar esforços das escolas em “[...] desenvolver mecanismos em parceria com seguimentos sociais, artísticos e culturais que encantem os alunos para que o domínio da escrita e da leitura seja construído gradativamente.” (SILVA, 2017, p.39).

Lúcia Cristina Azevedo Quaresma e Walter da Silva Braga publicam em 2018 o resultado de seus estudos sobre as práticas alfabetizadoras de escolas públicas do entorno de Belém-PA, quando convidaram professoras alfabetizadoras para processos de formação continuada. Novamente, apesar de tratar-se de uma pesquisa mais abrangente em termos amostrais - de número de turmas participantes de localidades diferentes e periféricas –, o que poderia indicar variáveis distintas das pesquisas citadas anteriormente – mais pontuais e com escopo menor –, na verdade temos a reiteração da efetividade dos aprendizados das crianças no que concerne à leitura e à escrita quando houve a aproximação dos processos de alfabetização inicial dos temas da cultura local. Além de se referir aos sujeitos-professoras alfabetizadoras como “ praticantes de leitura e escrita a partir do contexto escolar e cultural ribeirinho na Amazônia” (QUARESMA; BRAGA, 2018, p.829), sugerem que haja escuta atenta ao que alfabetizadoras têm a dizer. Produzir os relatos gerou apontamentos e o mapeamento de problemas, temas e saberes outros que circulavam no chão da escola no entorno de Belém, marcado pelas culturas locais, mas invisíveis. Os autores estavam em consonância com um largo acervo de pesquisas realizadas no Brasil há muitos anos sobre formação de professoras alfabetizadoras (GARCIA, 1998; 2001; LACERDA, 2002) e com o que tem interessado a nossa pesquisa, alfabetização e currículo (GARCIA; MOREIRA, 2018). Regionalizar demonstra que aspectos locais atualizam a proposição metodológica de pensar as culturas que transitam pelo chão da escola e pela pesquisa educacional, quer se queira ou não, há décadas.

A recorrência das pesquisas do Norte do Brasil, a ser melhor documentada em necessárias revisões sistemáticas em andamento e pesquisas sobre o estado de conhecimento das práticas alfabetizadoras nas escolas da região, apontam para um recorte que permite à pesquisa em educação, alfabetização e currículo não se perder dos agentes. Dito de outro modo, faz notar que as pesquisas sobre as práticas educadoras na Amazônia obtêm seus

achados ao se aproximarem do cotidiano das professoras/es que o enfrentam e, do mesmo modo, configuram e reconfiguram o que é a alfabetização. Este texto trata da pesquisa em andamento.

Interessa, a esta pesquisa em andamento, a alfabetização que acontece no chão da escola em contexto amazônico, especialmente em Rondônia. Temos nos aproximado dos Estudos Culturais. Albuquerque (2016,p.12) nos informa que esta é uma direção que constitui uma trilha às “*Culturas* como todos os modos de vida; *fronteiras* como locais de encontros/desencontros, chegadas/partidas, começos/recomeços: eis duas percepções conceituais imprescindíveis ao multifacetado espaço da escola.” (ALBUQUERQUE, 2016,p.12). Os estudos sobre alfabetização e discursividade de Smolka (1999) e Lucio (2017) propõe que se compreenda a criança enquanto aprender a ler e a escrever é portadora de cultura que inclui o uso atual que dá à escrita, especialmente, sem perder o contexto amazônico no qual vive. Também interessa a esta pesquisa manter e enfrentar a variável histórica incontornável, apesar de o imobilismo da escola moderna: Como se dá hoje a alfabetização em Rondônia, tendo enfrentado os anos de 2020-2021 entre as telas dos dispositivos e outros expedientes, tanto de ensino remoto como para lidar com o contato com as crianças da alfabetização inicial na pandemia em RO? A intenção desta comunicação é expor os achados da atual fase da pesquisa que se dedicou ao contexto de três escolas de Porto Velho - uma escola rural, uma escola ribeirinha e uma escola da área urbana – no levantamento dos saberes das crianças no que concerne as suas práticas de leitura e escrita.

Os procedimentos para o levantamento realizado, teve por pressuposto que as crianças são portadores de cultura e agenciam ético-politicamente os espaços nos quais transitam. Assim, entre novembro de 2021 e maio de 2022 foram realizadas, em 7 turmas nas três escolas, rodas de leitura e debate sobre textos literários, produção de escrita de listas e textos espontâneos, ambos em variadas propostas que acolheram a tudo o que as crianças nos entregaram como “escrita”. Participaram 7 turmas entre 1º e 2º anos e duas turmas multisseriadas de 1º e 2os anos e 3º e 4os anos. As crianças foram convidadas a conversas sobre muitos assuntos, para escreverem e lerem para as demais sobre o que escreveram.

O banco de dados com este material, está sendo analisado. No contexto produtivo das conversas com as crianças, dentre os achados, temos a repetição, pelas crianças, de que ficaram fora da escola e não sabem escrever e, em grande medida, elas superam esta barreira quando a proposta permite que, de fato, se assumam como quem tem o que contribuir com a conversa. Temos encontrado, dentre os achados do momento de interação com crianças que incorporaram em muito que “não sabem nada” e “não sabem escrever”. Em outra direção, há coerência na produção de textos, estes, porém, na maioria das vezes oral em propostas de produção escrita.

No movimento, ao longo das intervenções que produzem, alcançam maior efetividade no aprendizados das crianças quando incluem as temáticas que são, impossível deixar de supor, parte dos saberes das crianças, exatamente por serem saberes locais. É possível supor a

continuidade desse movimento no momento pandêmico. Do ponto de vista do que ora se propõe para este trabalho, cabe notar que ganha relevância o diálogo com as professoras e professores alfabetizadores que enfrentam a educação escolar na pandemia.

O que responderiam professoras alfabetizadoras sobre o que é alfabetizar e estar alfabetizado hoje, em Porto Velho – Rondônia, considerando as culturas, em conversas sobre o cenário e as práticas dedicadas à alfabetização na Amazônia, especialmente, em Porto Velho- RO? Cabe ressaltar que o tempo da pandemia propôs - ou impôs - atravessamentos, sobre a escola, sobre as famílias e às crianças e às comunidades, para além o que afetou as professoras e os professores do ponto de vista das políticas de currículo. E transitando sobre espaço docente virtualizado pelas telas e pela suposição de onde estavam as crianças, há sentidos distintivos neste ponto. Em revisão sistemática de literatura, Márcia de Freitas Vieira e Carlos Manuel Seco da Silva fizeram um levantamento no primeiro semestre de 2020. Afirmam:

[...] entendemos que a interação e a qualidade da formação mediadas pelas TIC na EaD estão diretamente vinculadas à competência digital dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente do professor, sendo condição *sine-qua-non* para promover uma educação online de qualidade. Essa competência traduz-se, para além da competência técnica em relação ao uso de plataformas e dos recursos digitais, na capacidade de organizar e orientar didaticamente o processo de ensino-aprendizagem à distância, na presença virtual constante e na habilidade para ler e escrever com fluência em ambientes digitais. (VIEIRA, SILVA, 2020, p.1029).

Nessas análises, a perspectiva sobre os agenciamentos dos professores e professoras é produtivista, focaliza e demanda uma certa competência técnica manifesta na demonstração de desenvoltura em lidar com aplicativos, dispositivos e plataformas em situações de ensino qualificado como ensino remoto ou educação à distância. Naquela direção, diferente daquela que se alinha este trabalho, variáveis como desigualdade social e exclusão, o fato de parcelas das famílias não terem condições de manter-se isolados e outros aspectos como o desemprego e a intensificação da precariedade no trabalho ou a insegurança alimentar que já eram estruturais não são considerados. Há uma abordagem individualizante que, mesmo em um tempo em que quadrantes inteiros de territórios muito bem constituídos do tecido social desmoronam, enquanto o vírus questiona a própria existência do ser humano, estes são tópicos que não participam das considerações produtivistas como estas de Vieira e Silva (2020).

Deslocando o olhar para trabalhos que se aproximaram da consideração das questões e dilemas que as professoras e professores da educação básica, especialmente de turmas de crianças em fase inicial do aprendizado da escrita, temos outras posições que contemplam conflitos enfrentados pelos agentes. Retomando o registro de estudos no contexto da

educação escolar na Amazônia, Bianca Santos Chisté e colaboradores (CHISTÉ et al, 2021) que se aproximou de professoras de educação infantil mas preocuparam-se com o aprendizado da leitura e da escrita, dentre outros aspectos. Neste trabalho, que aborda uma escola em Rolim de Moura - Rondônia. Aponta-se que a exclusão e as desigualdades estão tramadas nos fazeres escolares, pois a escola alcançou “aqueles que possuem acesso à Internet e aos equipamentos (celular, notebook, computador de mesa, tablet, entre outros) (CHISTÉ et al, 2021, p.50), mas não se escamoteia os conflitos. Segundo as autoras “as tecnologias digitais em tempos de pandemia têm amenizado a distância entre os corpos [...] mas os (des)encontros ainda acontecem, pois, esses recursos tecnológicos ainda não são acessíveis a todos os brasileiros.” (CHISTÉ et al, 2021, p.50). Identificam a presença de mediadores outros que interferem na relação ensinar-aprender:

Em alguns casos os estudantes que possuem algum aparelho celular na residência, ainda sim podem enfrentar dificuldades se o equipamento for dos pais/responsáveis e o uso ocorrer apenas no período noturno; ou quando têm mais de um estudante na residência que também necessita do acesso; ou a falta de acesso à Internet (banda larga móvel ou fixa) nomeada popularmente como “Dados Móveis” ou “Wifi”. (CHISTÉ et al, 2021, p.50).

Isto comprova o que está na introdução deste texto: o chão da escola, o cotidiano, as vicissitudes e as virtualidades da vida, pronunciam-se mais fortemente e interpelam o que a escola moderna considera tão naturalizado,

Neste sentido, a breve revisão de literatura apoia este trabalho que pretende enfatizar a relevância que temos dado à pluriversalidade das culturas e a abordagem da alfabetização pela discursividade. Sem perder de vista a condição fronteiriça da Amazônia, temos experimentado a chance de produzir uma abertura, produzir aproximações junto aos agentes professoras e professores alfabetizadores que atuam em escola de educação básica amazônica rondoniense.

Temos defendido que conhecer com respeito aos saberes das crianças, o que efetivamente é o atual quadro de questões a enfrentar na alfabetização pós-pandemia é afastar a pesquisa de um lugar de identidades fixadas, essencializadas. *Mutatis mutandis*, isto nos permitirá aprofundar nossos estudos sobre currículo escolar, formação de professores e alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Alfabetização. Educação Escolar em Contexto Amazônico. Discursividade. COVID 19

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. Problematizando Inscrições em Corpos Marcados pelos Signos da Exclusão Social. In: TERUYA, Teresa Kazuko; WALKER, Maristela Rosso (org) **Culturas e Fronteiras no Espaço Escolar**. Maringá: EDUEM, 2016, p. 11-16

ALVES, Maria Isabel Alonso; ALVES, Rosane Alonso; SCARAMUZZA, Simone Alves. Alfabetização e Letramento: Um Olhar Sobre a Prática Docente no Contexto Amazônico. **Partes**. 2020. Disponível em Acesso em jan.2022

CHISTÉ, Bianca Santos et al. Travessias e (des)encontros: práticas pedagógicas remotas na educação infantil em Rolim de Moura/RO. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 45- 64, 2021. DOI: 10.15536/reducarmais.5.2021.2122. Disponível em: Acesso em: 6 fev. 2022.

GARCIA, Regina. Leite (org) **Novos Olhares sobre a Alfabetização**.São Paulo: Cortez, 2001

LACERDA, Mitsi Pinheiro de Lacerda.**Quando falam as Professoras Alfabetizadoras**. Rio de Janeiro: DPA, 2002

MOREIRA, Flávio Barbosa; GARCIA, Regina Leite.**Currículo na Contemporaneidade; incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2018

NEVES, J. G.; GAVIÃO , A. J. I. K. .; SAMPAIO, V.. ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL NA ESCOLA GAVIÃO IKOLEN: QUANDO OS CADERNOS FALAM... **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 15, p. 91-107, 9 dez. 2021.

QUARESMA, Lúcia Cristina Azevedo; BRAGA, Walter da Silva. A Alfabetização de Crianças Ribeirinhas. **Linha Mestra**, n.36, p.828-832, set/dez.2018. Disponível em < <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/242/264>> acesso jan.2022

SILVA, Idaléia Dias da. Alfabetização e letramento: um estudo de caso nas series iniciais do município de Maracanã. Orientadora: Arinete Silva dos Santos. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo Igarapé-Açu, PA, 2017. Disponível em < <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/857>> acesso em jan.2022

SILVA, Idaléia Dias da. Alfabetização e letramento: um estudo de caso nas series iniciais do município de Maracanã. Orientadora: Arinete Silva dos Santos. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo Igarapé-Açu, PA, 2017. Disponível em < <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/857>> acesso em jan.2022

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A Criança na Fase Inicial da Escrita. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1999 SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Da Alfabetização como Processo Discursivo. In: GOULART, C.; GONTIJO, C.M.M.; FERREIRA, S.A. **A Alfabetização como Processo Discursivo [livro eletrônico]; 30 anos de A Criança na Fase Inicial da Escrita**. São Paulo: Cortez, 2018. p.33-67

STREET. Brian. V. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51-71, jan.-abr. 2013 51 Disponível em Políticas e práticas de letramento na Inglaterra...

VIEIRA, Márcia de Freitas; SILVA, Carlos Manuel Seco da. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.l.], v. 28, p. 1013-1031, dez. 2020. ISSN 2317-6121. Disponível em: . Acesso em: 07 fev. 2022.

